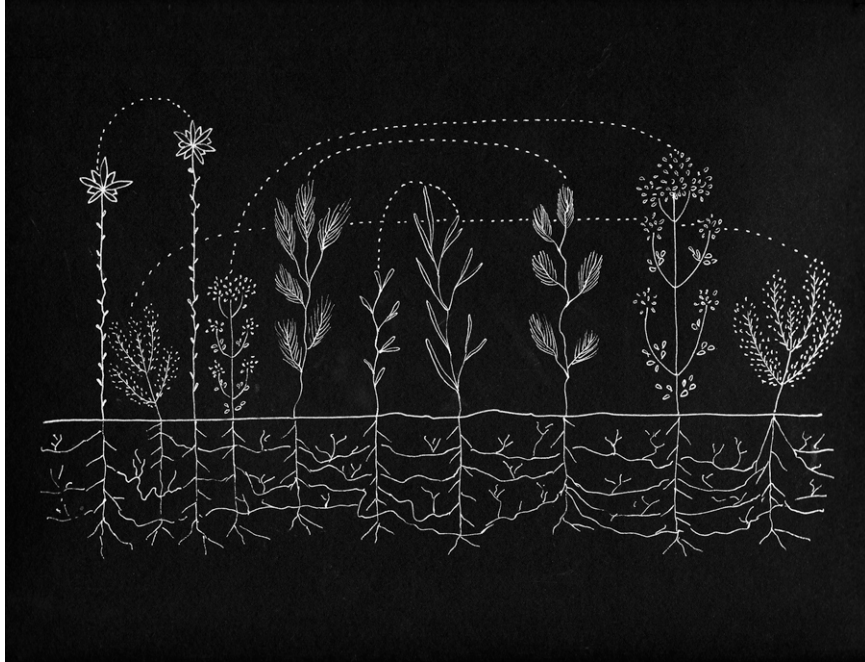


## acerca de A Linguagem das Plantas<sup>i</sup>

Ilda Teresa de Castro



Conversa com [Patrícia Vieira](#), da *Georgetown University*, a propósito da publicação de *A Linguagem das Plantas*.

**A resposta para a chamada de trabalhos para [The Language of Plants](#) (*A Linguagem das Plantas*) foi esmagadora. Será que isso significa que a comunidade científica está realmente a mudar o seu olhar para o não-humano?**

Assistimos actualmente a uma mudança lenta na forma como as plantas são compreendidas. Estudos científicos recentes mostram que as plantas enviam sinais umas às outras. Através de suas raízes ou através de químicos que são transportados pelo ar, transmitem uma variedade de informações, desde advertências sobre potenciais predadores até indicações sobre onde encontrar água. A [Society of Plant Signaling and Behavior](#) (Sociedade da Sinalização e Comportamento da Planta) reúne biólogos, ecólogos e bioquímicos que trabalham neste campo relativamente novo. Os cientistas sempre souberam que as plantas não são seres meramente passivos, insensíveis, mas as

novas pesquisas têm vindo a revelar a extensão da sua acção na resposta ao meio ambiente.

Nas ciências humanas e ciências sociais, os “estudos de plantas” são um campo relativamente novo que inclui pesquisas sobre os direitos de plantas, a interação planta-humano, a ontologia das plantas, ou a representação estética das plantas na literatura, cinema e artes plásticas. Esta pesquisa afasta-se da compreensão tradicional das plantas como um dos níveis mais baixos da “grande cadeia dos seres”, muitas vezes reduzidas ao papel de “espelhos” do humor e dos sentimentos humanos. Em vez disso, destaca que as plantas têm os seus próprios modos de ser e de expressão, que não são inferiores aos dos seres humanos e dos animais. Embora ainda não exista uma associação com enfoque exclusivamente nos estudos das plantas na área das humanidades, a [Association for the Study of Literature and the Environment](#) (Associação para o Estudo da Literatura e do Ambiente) apresenta alguma da nova pesquisa que está a ser feita neste campo.

O nosso objetivo no [The Language of Plants](#) é criar um diálogo entre a investigação científica sobre as plantas e as novas abordagens da vida vegetal na área das humanidades. Por isso, uma das editoras do livro, Monica Gagliano é uma bióloga, o outro, John Ryan, é um especialista nas humanidades ambientais, enquanto as minhas próprias áreas de especialização são a literatura, o cinema e a filosofia. Entre os contribuintes para o volume temos ecologistas de plantas, entomologistas, biólogos, filósofos e críticos literários. O nosso objetivo é ir além das fronteiras disciplinares e reunir diferentes abordagens para o campo dos estudos das plantas.

### **Qual é a actual mudança de paradigma na conceptualização humana da vegetação, por contraponto ao paradigma antropocêntrico clássico?**

Vou limitar a minha resposta às humanidades que é o campo que conheço melhor. Já há alguns anos que os “estudos animais” têm vindo a fazer incursões nas humanidades. Os estudiosos que trabalham sobre este assunto têm vindo a questionar o chamado paradigma antropocêntrico e a revelar as fronteiras porosas entre humanos e não-humanos. Os estudos de plantas estendem muitas das mesmas preocupações para a vida vegetal. Na filosofia, por exemplo, o [Plant-Thinking](#) (*Pensamento Planta*) de Michael Marder mostra a marginalidade das plantas no pensamento ocidental e convida-nos a repensar o seu modo de existência fazendo comparações com a vida humana. O objetivo não é criar uma nova hierarquia dos seres que agora classifique as plantas em primeiro

lugar, mas sim, dar a cada ser – plantas, animais, humanos, e até mesmo (por que não?) a entidades não-vivas – o que lhes é devido.

Pode-se especular sobre o que desencadeou esta “viragem vegetal” na área das humanidades. Talvez porque as plantas estão ameaçadas de extinção estejamos agora mais interessados em pensar sobre elas, em refletir sobre o seu valor inerente? Ou estamos apenas a retornar a práticas religiosas antigas que consideram algumas plantas como animadas, algo que ainda se pode testemunhar em algumas partes do mundo, onde a adoração de espíritos das árvores é bastante comum? Eu suspeito que os dois aspectos estão em causa, juntamente com o esgotamento do paradigma antropocêntrico, tanto no nível teórico quanto devido às suas consequências cada vez mais devastadores para a vida das plantas, animais e seres humanos.

No *The Language of Plants*, tentamos escapar das armadilhas do antropocentrismo, concentrando-nos não apenas em discursos humanos sobre plantas e sobre os limites da linguagem humana na descrição do mundo botânico, mas também sobre a linguagem das plantas, ou seja, sobre os modos de comunicação que constituem a linguagem que as plantas usam para dar sentido e orientar os seus mundos. Claro que, ao descrever a linguagem *das* plantas, nunca podemos escapar totalmente do nosso viés centrado no ser humano, mas isso não significa que não devamos tentar.

### **De que falamos quando falamos de ética das plantas e que tipo de implicações a discussão da ética das plantas aporta para a visão clássica da ética?**

Embora tendamos a reduzir a ética às relações entre os seres humanos, o conceito pode ser estendido para incluir as interações humano-animal e humano-plantas. Na raiz da ética, encontramos a palavra grega “ethos”, que significa hábito ou costume. O que é um comportamento habitual em relação às plantas? É esse o comportamento consistente com o que sabemos sobre a vida das plantas? Podem as nossas atitudes em relação às plantas ser modificadas e por que devem ser modificadas? Deve a nossa abordagem em relação às plantas ser legalmente codificada nos direitos das plantas, o que criaria uma ponte entre ética e política? Todas estas são questões remetem para a ética das plantas.

### **Quais as motivações e expectativas da publicação?**

Existem duas principais motivações para *The Language of Plants*. A primeira é essencialmente académica e tem a ver com o desejo de reunir cientistas e estudiosos de humanidades que trabalham com plantas. Há uma lacuna profunda que divide as

ciências e as humanidades, juntamente com uma desconfiança mútua que empobrece ambos os campos. A pesquisa sobre as plantas é, por natureza, interdisciplinar e um dos objetivos do livro é lançar sementes para a colaboração sobre este assunto através das fronteiras académicas tradicionais.

A segunda motivação para editar esta colecção tem a ver com a ética das plantas, acima discutida. Os estudos das plantas pretendem fazer-nos reflectir sobre o actual tratamento instrumental das plantas que existem apenas para ser usadas e abusadas. O desafio de *The Language of Plants* é contribuir para mudar essa visão do mundo vegetal. A própria ideia de que as plantas possam comunicar faz-nos considerá-las sob uma luz diferente e, esperançosamente, conceder-lhes mais respeito.

desenho © Ilda Teresa Castro

---

<sup>i</sup> publicado em «Animalia Vegetalia Mineralia» ([animaliavegetaliamineralia.org](http://animaliavegetaliamineralia.org)),  
Year I, Number I, April 2014, ISSN 2183-265X